



Desconectados: Uma Abordagem Sobre O Real Papel Da Mídia Através De Uma Produção Laboratorial¹

Manoel Adalberto da COSTA Júnior²

Anderson SAMPAIO Maciel³

Vitória de Santi ESTÁCIO⁴

Juliana BULHÕES Alberto Dantas⁵

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O objetivo deste artigo é relatar o processo de produção da produção audiovisual laboratorial de curta-metragem “Desconectados: um abismo entre dois mundos” e relacioná-lo com o papel da mídia na sociedade e como esta vem se comportando frente aos problemas sociais. Diante da necessidade da criação de um material audiovisual para avaliação da disciplina de Sistemas de Comunicação, decidimos construir um minidocumentário que tem como tema principal a Desigualdade Social. O vídeo foi gravado em locais diferentes do município de Natal/RN e procura mostrar contrastes sociais entre pessoas de classes econômicas opostas, focando na realidade do fato, encarado como problema, e na necessidade de mudança para a garantia dos direitos humanos.

PALAVRAS-CHAVE: desigualdade; mídia; classes; morador de rua; social.

Introdução

Ainda com programas de distribuição de renda, o Brasil continua a sofrer com o problema da desigualdade social. Em relatório apresentado pela Organização das Nações Unidas em 2010, o Brasil aparece com 3º pior índice de desigualdade social no mundo, que mede mobilidade social e educacional entre gerações. Mesmo como 7ª maior economia do planeta e uma das maiores cargas tributárias, a grande concentração

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Aluno líder do grupo. Estudante do 3º período de Comunicação Social da UFRN, email: manoeladalberto.ma@gmail.com.

³ Aluno do 3º período de Comunicação Social da UFRN, email: anderson_maciel25@hotmail.com.

⁴ Aluna do 3º período de Comunicação Social da UFRN, email: vitoriaadesanti@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da UFRN, email: julianabulhoes.ad@gmail.com.



de renda nas mãos de poucos ainda gera problemas sociais como violência, desemprego, desigualdade racial e baixa escolarização. Decidimos então, criar um minidocumentário, o “Desconectados: um abismo entre dois mundos”⁶, que retrata essa desigualdade, semelhante ao trabalho realizado por Helena Maria Pinheiro e Nihuge Rachid⁷. O gênero “documentário” tem a característica de explorar justamente aspectos de realidade como o apresentado naquele trabalho. Entendendo-o como um gênero vivo e em constante transformação do cinema, atraímos nossa proposta ao gênero que, justamente, busca representar o nosso ponto de vista ao focar nesse assunto. Assim como Bill Nichols⁸ (2005) apresentou o gênero como representação, e não reprodução.

A mídia e o seu dever de retratar a sociedade

Nichols acredita que obras documentais, apesar de partir de um ponto de vista pessoal, deveriam ter fidelidade para se manterem na coerência do enredo.

Filme, vídeo e, agora, imagens digitais, podem testemunhar o que aconteceu diante da câmera com extraordinária fidelidade. A pintura e o desenho parecem uma imitação pálida da realidade quando comparados com as representações nítidas, altamente definidas e precisas disponíveis nos filmes, nos vídeos e nas telas dos computadores. (...) Por nossa própria conta e risco, acreditamos no que vemos e no que representa o que vemos. (NICHOLS, 2005, p. 18 e 19)

De acordo com a classificação de Nichols, que distingue o documentário de “retrato pessoal” do documentário de “questão social”, o nosso projeto estaria enquadrado na questão social, por, principalmente, enfatizar um problema de relevância coletiva e comum.

A abordagem sobre esse tipo de assunto, que podemos classificar como de interesse público, demonstra nosso objetivo em atingir o que seria o real papel da mídia, e em especial, da imprensa.

Historicamente, a mídia tem se dedicado a conquistas de interesse público e coletivo, e defesa da democracia. Os meios de comunicação de massa têm poder capaz de promover o controle social a favor de uma melhoria da cidadania e nós, como

⁶ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=L1bsGtuu4Uo>>. Ver referências.

⁷ Ver referências.

⁸ Renomado pesquisador e autor estadunidense nascido em 1942. Especialista na área de cinema, em especial, documentários, é também professor da *San Francisco State University*.

agentes desses meios, podemos corroborar de maneira significativa para que as desigualdades sejam minimizadas e que os agentes políticos, independente de posição política que possamos ter, tenham seus compromissos firmados com os principais interessados nessa melhoria.



Figura 1:
Morador de
rua coberto
por papelões.
Cena gravada
no centro de
Natal/RN.

A partir desta simples produção, chegamos a um lugar em que a imprensa ainda não chegou. A preocupação com as informações em tempo recorde tem levado cada vez mais os profissionais da notícia da realidade social para a realidade virtual. A maneira de abordagem jornalística acerca de questões sociais tem saído do viés comunicacional de interação e entrado na rotina da agenda política, econômica, ou até mesmo cultural, e essa “rotina da agenda” vai se tornando cada vez mais nociva, uma vez que o poder de controle social citado acima está cada vez mais sendo desperdiçado, ou mais provavelmente, servindo a classes interesseiras.

O documentário jornalístico e o relato de experiência

Podemos aqui enfatizar também sobre o caráter jornalístico do nosso documentário. Assim como a grande reportagem, por exemplo, nosso trabalho busca mostrar a investigação feita para a preparação, e aprofundar-se um pouco mais que o natural no assunto, apesar de ser curta-metragem. A afirmação⁹ das autoras Cristina Teixeira V. de Melo, Isaltina Mello Gomes e Wilma Morais também corroboram com nosso raciocínio.

(...) apontamos cinco características definidoras do documentário como gênero jornalístico: seu caráter autoral, o uso de documentos como registro, a não obrigatoriedade da presença de um narrador, a ampla utilização de montagens ficcionais e uma veiculação

⁹ Afirmação feita em artigo publicado no XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação (descrição em “Referências”).

praticamente limitada aos canais de TV educativos ou por assinatura.
(MELO, GOMES, MORAIS, 2001)

Escolhemos o gênero “minidoc”¹⁰ justamente pela sua facilidade com relação ao roteiro e ao enredo, também pela facilidade de entendimento para quem assiste e por conseguir atingir o objetivo proposto para avaliação da disciplina. Nosso objetivo foi demonstrar através do minidocumentário uma realidade que cause impacto pelo desconhecimento que muitas pessoas têm desta, gerando propositalmente a sensibilização das pessoas, proposta semelhante à da disciplina de Sistemas de Comunicação, que busca alertar para questões políticas que envolvem as redes de comunicação no Brasil.

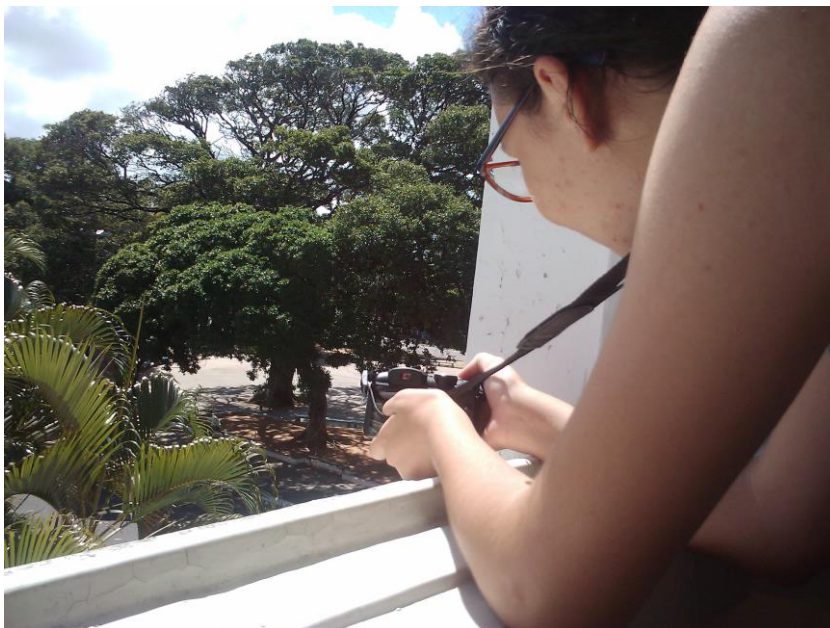


Figura 2: Vitória de Santi captando imagens de moradores de rua na Praça André de Albuquerque (Praça Vermelha), Natal/RN. (Foto: Manoel Adalberto)

Em nossa abordagem, tivemos como principal objetivo fazer com que os entrevistados pudessem responder as perguntas da forma mais confortável e natural possível, deixando transparecer inclusive suas emoções.

¹⁰ Entenda-se por “minidoc”, documentário de curta-metragem.



Figura 3: Moradores de rua da “Praça Vermelha”.

Fizemos perguntas, elaboradas por nós mesmos, como “Qual seu nome e idade?”, “Onde você mora?”, “O que você faz da vida?”, “Qual seu grau de escolaridade?”, “Qual sua última refeição hoje?”, “Cite uma viagem inesquecível...”, “Qual o maior presente que você já ganhou?”, “O que você pretende da vida?”, “Qual o seu maior sonho?” e “O que você acha da desigualdade social?”, com intuito de demonstrar a realidade divergente dos dois tipos de públicos. Para isso, explicamos aos entrevistados qual era a nossa meta ao realizarmos a entrevista em vídeo, dando-lhes, como já citado, um maior conforto para que pudessem elaborar suas respostas e comentarem, na visão de cada um, acerca da desigualdade, que é o assunto tratado no minidoc. Por exemplo: indagamos acerca da última refeição dos entrevistados, no intuito de receber uma resposta oposta do indivíduo de classe social elevada em relação ao da classe social mais baixa.

Primeiramente, fomos ao bairro da Cidade Alta¹¹ para gravarmos imagens de apoio na intenção de dar uma base ao vídeo, filmando movimentos de carros e pessoas, arte de rua e outras coisas que pudessem contribuir diretamente com o tema tratado. Após isso, encaminhamo-nos à praça André de Albuquerque, também localizada na Cidade Alta, a fim de gravar o movimento dos vários moradores de rua que lá se instalam, tentando conseguir entrevistados, porém sem sucesso, alguns até nos recebendo com repúdio. Após isso, fomos ao Alecrim¹², em uma instituição de ensino privada, colher o depoimento de Fábio Queiroz, que é um jovem de classe social alta, conforme combinado em pré-produção.

¹¹ Centro da cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte.

¹² Bairro característico do município. Conhecido pelo maior centro comercial da capital.



Figura 4:
Estudante
Fábio
Queiroz
sendo
entrevistado.

Alguns dias depois, fomos ao bairro da Ribeira¹³, onde está instalado um albergue público municipal para moradores de rua, na esperança de conseguir entrevistados que frequentasse esse local. Conseguimos dois entrevistados: Antônio Lisboa e Ademildo Gomes, ambos moradores de rua, frequentadores do albergue. Ademildo quando nos viu registrando o depoimento de Antônio Lisboa, se emocionou e também deixou seu desabafo. Registramos seu depoimento e partimos à edição das imagens e pós-produção, fazendo o contraste já explanado neste documento.



Figura 5:
Ademildo
Gomes
emocionado
dando seu
depoimento.

O vídeo também possui narração, feita por Anderson Sampaio. No texto, tentamos manter o mesmo tom de protesto acerca do problema, e também usamos para explicar qual seria a lógica do produto.

A proposta que tentamos produzir a partir da produção do documentário também pode ser caracterizada como uma vertente proposta por Ana Maria Miralles (2001) de jornalismo cívico, em que defende não só o registro propriamente dito, mas sim com a qualidade do debate público fomentada por este. Neste tipo de jornalismo, também chamado de público, os critérios de noticiabilidade fogem dos adotados pelos grandes meios de comunicação, que abordam questões de interesse político e econômico

¹³ Bairro histórico de Natal, hoje com grande concentração de moradores de rua.

prioritariamente, em detrimento aos interesses do cidadão. Miralles também acredita que um jornalismo público é capaz de construir sociedades mais justas e democráticas, com foco o desenvolvimento sustentável, e defende que a mídia deve resgatar esse tipo de comunicação para os dias atuais.



Figura 6:
Imagem
captada
revelando a
indiferença
das pessoas
ao verem um
morador de
rua.

Bernadet (1985) expõe também um novo raciocínio, a medida em que analisa produções brasileiras com referencial na atuação dos cineastas. Para ele, o diretor tem papel decisivo no “objeto”, e se envolve tanto racionalmente quanto emocionalmente nas situações dos personagens. Brian Winston¹⁴ chega a critica-lo quando diz que “Quando os próprios cineastas ressaltam que o trabalho de seu documentário é a evidência, eles estão defendendo um conceito ideologicamente poderoso, porém com uma noção ingênua de objetividade” (LABAKI, 2005, p. 21).

Daniela Silva e Paula Schommer também contribuem com esse pensamento, entretanto sob o viés do jornalismo, expondo¹⁵ o jornalista e meio de comunicação como atores sociais.

Se há espaço para a temática e como ela é tratada nas matérias jornalística (sic) acabam por revelar a responsabilidade dos meios de comunicação e dos jornalistas enquanto atores sociais do processo de construção de sociedades mais justas e igualitárias, inclusive nas suas próprias práticas. (SILVA, SCHOMMER, 2009)

O jornalista/cineasta também é mentor do processo midiático e deve ser responsabilizado por este. É por este motivo, no caso do jornalista, inclusive, deve haver uma formação universitária obrigatória e adequada à realidade presente, para que possa

¹⁴ Citação feita em artigo publicado no livro “O cinema do real”, organizado por Amir Labaki. Descrição em “referências”

¹⁵ Exposição feita em artigo publicado no IX Congreso Anual de Investigación sobre el tercer sector em México. Descrição em “referências”.

abrir seus horizontes quanto às ciências sociais aplicadas e humanidades, facilitando uma comunicação realmente social.

Depois de entrevistar todos os personagens do nosso documentário, fomos em busca de uma opinião sobre o assunto de um pesquisador das ciências sociais. Entrevistamos o jornalista, doutor em Ciências Sociais e professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Marcelo Bolshaw Gomes. O professor falou a respeito da desigualdade social, apontando a melhor forma de solucionar esse problema. Para ele, a educação é a única forma de oferecer a todos, as mesmas oportunidades, e com isso, minimizar as desigualdades.



Figura 7:
Professor
Bolshaw fala
sobre a
solução para
o problema.

Considerações finais

Apesar das imensas dificuldades enfrentadas durante a produção do trabalho e da falta de experiência dos “jovens jornalistas” produtores deste, ficamos profundamente orgulhosos e satisfeitos com o resultado final. Conquistamos não só uma experiência profissional que certamente lembraremos no futuro ao vivenciar o mercado de trabalho, mas nossa modesta produção nos fez refletir para um problema social maior que imaginávamos. Vivenciar a miserável realidade “nua e crua” de moradores de rua nos fez ainda mais humanos que somos, e mais que isso, nos fez ainda mais pesquisadores das ciências humanas.

Reafirmamos aqui as posições de Miralles (2001) quanto a necessidade de um retorno por parte da mídia ao pensamento objetivado no cidadão e no meio social em que vive. Esta deve ter assumir uma responsabilidade que já é sua, de cobrir e acompanhar os fatos relevantes e úteis à sociedade.

Também podemos embasar esse pensamento com a posição de Bernadet (1985) e Silva et. al. (2009), que definem a posição do produtor, seja cinematográfico ou jornalístico, como parte significativa do objeto, sendo responsável pelo seu processo e



que deve assumir, também a finalidade e a utilidade social a qual vai destinar este objeto.

No final do filme, apresentamos uma frase bastante representativa de Mahatma Gandhi que diz: “Os sete pecados capitais responsáveis pelas injustiças sociais são: riqueza sem trabalho; prazeres sem escrúpulos; conhecimento sem sabedoria; comércio sem moral; política sem idealismo; religião sem sacrifício e ciência sem humanismo”.

Depois de terminada a produção, firmamos uma parceria para além da disciplina. Acertamos que iríamos continuar a usar o mesmo tipo de mídia para a produção de vídeos com outros temas de relevância social, que cause não só em nós, mas também nos telespectadores, o mesmo impacto, e que leve assim, a mesma reflexão.



Figura 8:
Antônio
Lisboa dando
seu
depoimento.
Manoel
Adalberto à
direita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Desconectados: um abismo entre dois mundos. Produção: Anderson Sampaio, Manoel Adalberto e Vitória de Santi. Natal, 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=L1bsGtuu4Uo>>.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário** (*Introduction to documentary*). Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

MELO, C. T. V. de; GOMES, I. M.; MORAIS, W. **O documentário jornalístico: gênero essencialmente autoral.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 14, 2001, Campo Grande. **Anais.** Campo Grande, 2001.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

MIRALLES, Ana Maria. **Periodismo, opinión pública y agenda ciudadana.** Grupo Editorial Norma, Bogotá, 2001.



SILVA, Daniela de Assis; SCHOMMER, Paula Chies. **Responsabilidade social na mídia: o papel dos meios de comunicação e dos jornalistas como atores sociais no Brasil e na Argentina.** In: CONGRESO ANUAL DE INVESTIGACIÓN SOBRE EL TERCER SECTOR EM MÉXICO, 9, 2009, Ciudad de México. **Anais.** Cidade do México, 2009.

A DESIGUALDADE social em São Paulo. Produção de Helena Maria Pinheiro e Nihuge Rachid. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=v0Dt2AXFusA>>.

COLON, Leandro. Brasil é terceiro pior do mundo em desigualdade. **O Estado de São Paulo**, Brasília, 24 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,brasil-e-terceiro-pior-do-mundo-em-desigualdade,585384,0.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

IBGE apresenta retrato das desigualdades dos brasileiros. Produção: Julianna Goulart e Elis Silvestri. Reportagem: Mônica Sanches. Rio de Janeiro: TV Globo, 2013. Disponível em: <<http://globov.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/ibge-apresenta-retrato-das-desigualdades-dos-brasileiros/2988357/>>.

MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir (orgs). **O Cinema do Real.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real:** sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.